

UM NOVO OLHAR SOBRE A METODOLOGIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO

Cely Ferreira Vieira¹

RESUMO

Com as crescentes mudanças ocorridas no planeta e na sociedade, o presente artigo enfoca a importância de desenvolver novas metodologias e direcionar para uma prática pedagógica e que possa abranger o contexto escolar no ensino médio. Na mas propalada era da globalização ainda depara-se com métodos tradicionais em determinados educandários. Neste sentido é fundamental que os professores passem a utilizar em seus métodos inovadores, e assim tornando-se mais atraentes suas atividades mediante a seus alunos, visto que na era tecnológica na qual estamos inseridos, é necessário repensar sobre a prática docente, visando à necessidade de criar situações inovadoras no que se refere às metodologias de ensino / aprendizagem, explorando os diferentes tipos de linguagem. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica para servir de base teórica a temática proposta. Deseja-se contribuir sobre a discussão do ensino de geografia levando em consideração a realidade da educação pública no nível médio.

Palavras-chaves: Metodologias, inovadoras, ensino médio, aprendizagem, globalização.

A NEW LOOK AT THE METHODOLOGY OF HIGH SCHOOL GEOGRAPHY TEACHING

ABSTRACT

With the increasing changes occurring on the planet and in society, this article focuses on the importance of developing new methodologies and directing to a pedagogical practice that can cover the school context in high school. in the most proletarian era of globalization still encounters traditional methods in certain educandarios. in this sense it is fundamental that teachers begin to use in their innovative rmethods, and thus to become more attractive their activities through their students, since iii the technological era in which we are inserted, it is necessary te, rethink about the teaching practice. aiming at the necessity to create innovative situations with regard to teaching / learning methodologies, exploring the different types of language. a bibliographic research was carried out to serve as a theoretical basis for the proposed theme. it is intended to contribute to the discussion of geography teaching taking into account the reality of public education t the secondary level.

Keywords: Methodologies. Innovative. High school. Leaming. Giobalization.

INTRODUÇÃO

No contexto em que vivemos, muitos educadores sentem dificuldades em atrair a atenção de seus alunos. Pois se percebe que só os métodos tradicionais de determinadas escolas tornam-se pouco atrativos para eles, principalmente no que está relacionado aos alunos de geografia. É necessário discutir todo um processo pedagógico, principalmente aos professores que estão em início de carreira, como também fazer uma reflexão sobre a forma de suas ações em sala de aula e quais as condições que possam vir a ser necessárias para se conduzir suas aulas. Muito se discute sobre as práticas dos professores e sua formação, os desafios e suas dificuldades que encontrará ao longo de sua trajetória profissional. É importante que se faça também uma reflexão sobre os processos didáticos em especial sobre o ensino de geografia, levando em consideração de que maneira o ensino desta disciplina possa vir a contribuir para o entendimento do universo dos alunos.

Porém, observa-se que não é só fazer o uso de um bom recurso que possa garantir um bom aprendizado dos alunos e que nem sempre os recursos irão superar os desafios dos professores, mais sim ajuda-los. A trajetória metodológica que orientou na busca dessas reflexões foi baseada nas observações e vivências ao longo do tempo, visto que a maioria dos alunos não dispõe de interesse em aprender geografia, e a maioria desses alunos preocupam-se em aprender português por encontrarem mais dificuldades. Além do mais, a geografia é vista pela maioria desses alunos como “chata”, “enfadonha”, e sobre essas perspectivas faz-se necessário que o professor de geografia busque alternativas pedagógicas que possam oferecer e tornar suas aulas mais atrativas e prazerosas. Ainda percebe-se em algumas salas de aulas que é um desafio para os educadores de geografia atingir seus objetivos proposto pela disciplina. Para alguns professores seria mais fácil aplicar metodologias ultrapassadas e apenas transcritas pelos livros didáticos, tendo somente como a única fonte de pesquisas e informações para as suas atividades. Atualmente uma metodologia comum no ensino da geografia é focalizar o conteúdo como sendo objetivo da aula, algo que promove uma aula decorativa e muito semelhante às práticas do ensino dos séculos anteriores (Pereira, 1996).

Através de uma participação do professor em suas metodologias inovadoras é provável que possa haver um melhor aproveitamento no conhecimento do espaço geográfico, o que implicará nas perspectivas dos discentes a serem aplicados e

satisfeitos em estudar a geografia de maneira mais consciente por partes dos alunos, visto que sobre essa perspectiva, compreender incessantemente todo o processo de construção e reconstrução espacial torna-se fundamental para que se entendam todas as relações sociais pertinentes e que estabelecem integrações seja na escala local, regional, nacional e por que não dizer global.

A escola na condição de instituição de ensino e na busca pelo conhecimento, assume um papel fundamental e de grande importância no ensino da geografia, por integrar em seus componentes curriculares a disciplina geografia. Esses desafios seguem desde a falta de materiais didáticos nas escolas até a utilização e variação dos recursos didáticos nas aulas de geografia.

Existem várias concepções que estão relacionadas aos recursos didáticos, Cerqueira e Ferreira (2007, p.1) definem como.

[...] São todos os recursos físicos, utilizados com maior frequência em todas as disciplinas, áreas de estudo ou atividades, sejam quais forem às técnicas ou métodos empregados, visando auxiliar o educando a realizar sua aprendizagem mais eficientemente, constituindo-se num meio para facilitar, incentivar ou possibilitar o processo ensino-aprendizagem.

Um professor que apresenta os conteúdos de sua disciplina com criatividade conseguirá desenvolver o senso crítico em seus alunos desde que esteja disposto também a escrever sua autocrítica, reavaliando constantemente suas práticas e estratégias. Freire (1988) afirma que antes da consciência crítica o que temos é a consciência ingênua, a qual revela um simplismo na interpretação dos problemas e não se aprofunda na causalidade do próprio fato, que por outro lado, a consciência crítica há um compromisso com a análise aprofundada dos problemas.

Atualmente existe uma necessidade muito grande na inovação das metodologias do ensino e tem sido pautado em recorrentes discursos em conjunto a necessidade do desenvolvimento de aptidões e dessa maneira contribuem para que os alunos participem ativamente na construção de conceitos com objetivos de facilitar o processo ensino/aprendizagem.

Muitos professores ainda não admitem o uso de novas metodologias em suas aulas de forma tradicional, que segundo Kimura (2010, p.81) “não se trata de uma polaridade opondo os chamados conteúdos geográficos e as metodologias de ensino, ambos precisam ser articulados criteriosamente para uma aprendizagem compreensiva do aluno”.

A compreensão da sociedade perpassa por uma leitura da mesma, que segundo Callai, (2005, p.228) “uma forma de dizer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens.” Desse modo, aprender Geografia vai muito além da memorização de conteúdos e conceitos que, muitas vezes estão distantes da realidade dos alunos. É importante destacar a inserção das novas tecnologias que possibilitam a “fuga” dos adolescentes em direção a computadores, jogos e principalmente, imagens, deixando muitas vezes, as leituras de lado. Entretanto, o professor precisa adequar seus planejamentos e leituras, levando em consideração a realidade local desses alunos, além de incorporar estratégias de ensino (Visentini, 2006).

Há um sinal de alerta que o então geógrafo Manuel Correia de Andrade menciona que, devemos utilizar nosso potencial teórico, “domínio das técnicas modernas e o comprometimento com os altos objetivos nacionais para dar uma contribuição positiva à solução dos problemas do país” (Andrade, 2006. p.13). Tal posição implica diretamente em como fazer o aluno pensar sobre o mundo.

Sabemos que o livro didático é o principal meio de transmissão de conhecimento no ensino médio, é que o professor fica somente nesta fonte de pesquisa. Um dos grandes problemas desse meio de formação do aluno é a visão do aluno fragmentado da Geografia, muito relacionado com o modo de pensar clássico (Moreira. 2011).

Não é um processo linear, nem de treinos, mas de construção pelos alunos de conhecimentos novos, na busca do entendimento das suas próprias vivências, considerando os saberes que trazem consigo desvendando as explicações sobre o lugar. No dizer de Cavalcante (1998, p.889).

Seja como ciência, seja como matéria de ensino, a geografia desenvolveu uma linguagem, um corpo conceitual que acabou por construir-se numa linguagem geográfica. Esta linguagem esta permeada por conceitos que são requisitos para análise dos fenômenos do ponto de vista geográfico.

Atualmente no Brasil ainda é utilizado o modelo tradicional de educação que segundo Oliveira que enfatiza “nesse modelo de escola, o professor passa para o aluno, através da exposição verbal da matéria, de exercícios de memorização e fixação de conteúdos, de leituras de livros didáticos... “(Oliveira, 2006, p.02) considerado por Paulo Freire como uma educação que apenas deposita

conhecimentos nos alunos, chamada de Educação Bancária” Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem: “eis aí a concepção bancária” da educação... (Freire, 1997, p.33).

Em relação à educação dos jovens e adultos (EJA) Paulo Freire destaca a importância da leitura e da escrita “não da leitura só de palavras e de sua escrita em si próprias, como se lê-las e escreve-las, não implicasse outra leitura, prévia e concomitante aquela a leitura da realidade mesma” (Freire, 1989). Dessa maneira, sobre o EJA Freire afirma o seguinte:

Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra, palavra doada pelo educador aos analfabetos; se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muitos mais do que desvelam a realidade, agora pelo contrário, a alfabetização como ato político, é um esforço de leitura do mundo e da palavra. (Freire, 1989, p. 19).

Segundo os parâmetros curriculares nacionais, “é possível trazer o mundo para a sala de aula, mas é também importante levar os alunos para fora dela” (PCN 1998, p. 34). Sair das paredes da escola, da abstração teórico para prosseguir com uma abordagem concreta palpável que permita ao aluno observar, sentir, perceber, descrever e analisar a realidade humana são recursos metodológicos que devem estar presentes no ensino da geografia.

São muitos os aspectos quando se trata e se discute a questão educacional. É um dos aspectos que mais se destaca, principalmente aqui no Brasil, é a responsabilidade do estado, e por que não dizer, do poder público em suas três esferas. Temos o costume de cobrar e exigir do Estado e suas ações em que efetivamente garantem a qualidade da educação ofertada entre nós. Ainda hoje tem pouco se refletido sobre o significado dessa ação e, principalmente sobre as responsabilidades de cada cidadão diante desta proposta. É necessário para que se possa entender melhor sobre essa temática reflexão sobre conceitos fundamentais e sobre a história em território brasileiro. Não é atoa que moramos e vivemos em um país democrático e a construção desse senso democrático envolve o entendimento sobre a relação estabelecida entre os cidadãos e poder público.

A questão da democracia, e da existência dela no Brasil, é um tema bastante discutido, onde pretendo trabalhar aqui a relação entre este conceito e um outro a

educação. Visto que essa relação também tem sido objeto de vários estudos acadêmicos e projetos políticos. Pretendo abordar neste tema os percalços da educação dos jovens e adultos levando em consideração a realidade do espaço onde vivem.

E situando-se em um determinado período bastante específico da história do Brasil. Então partirei para o fim do Regime Militar (1964-1985), com uma intensa manifestação em prol da redemocratização do país, e caminhando para a reformulação da política nacional da educação na década de 1990, e com ações empreendidas neste início do século XXI (Shiroma: 2004; Saviani, 1997).

Compreender a responsabilidade do Estado para com a educação demanda saber o significado da instituição Estado e, particularmente no Brasil. Isto porque é comum confundir-se Estado com governo. Em sua abordagem, Heloisa Mattos (2001) apresenta o Estado como um conjunto de instituições permanentes (Como os tribunais, o exercito, as casas legislativas etc.). O Governo seria um conjunto de programas que um grupo social propõe para a sociedade. O governo se realiza quando a burocracia estatal trabalha no sentido de realizar um programa de governo. O governo é o exercício das funções de Estado por parte de um grupo social por um determinado período de tempo.

O exercício do Governo, então, envolve mais do que a maquina burocrática estatal. Envolve a participação de membros da sociedade civil. Esta participação está condicionada aquilo que podemos chamar de contornos do Estado, ou seja, se mais ou menos voltados para as políticas públicas sociais. O perfil atual do Estado Brasileiro é democrático e promovedor de políticas públicas de corte social. Mas esta não foi à forma como se apresentou sempre. Este é um fenômeno que tem uma localização temporal bastante específica na história do Brasil.

Os índices apresentados pelo Brasil no início da década de 1980 eram desanimadores e desabonadores das praticas governamentais adotadas até ali. Como aponta Eneida Otto Shiroma, 50% das crianças repetiam ou eram excluídos ao longo da 1ª série do 1º grau; 30% da população eram analfabetos, 23% dos professores eram leigos e 30% das crianças estavam fora da escola; oito milhões dos alunos do 1º grau tinham mais de 14 anos, dos quais 60% estavam nas três primeiras séries que reuniam 73% das reprovações (SHIROMA ET AL, 2004).

No tocante a educação, a reabertura dos espaços democráticos possibilitou a organização dos profissionais da educação. Reorganizados, passaram a discutir as

principais mudanças que deveriam ser realizadas para garantir um padrão de qualidade da educação. Era preciso, na perspectiva desse grupo, implantar medidas que possibilitassem a efetiva permanência do aluno na escola durante os anos necessários para cumprir o processo educacional, como também se fazia urgente rever as condições do exercício da docência, de sua formação ao término de suas atividades profissionais.

Sobre o procedimento de pesquisa, trata-se de uma pesquisa quantitativa, teórico bibliográfico, buscando autores que já tenham abordado, temas relacionados ao projeto de pesquisa em questão. Depois de uma análise de reflexão e crítica dos livros selecionados, foi construída a referência teórica, que fundamentou todo o processo de pesquisa, visto que o ensino da geografia é de fundamental importância em todas as modalidades do processo educativo, pois contribui para a formação e a consolidação da cidadania na sociedade. Em razão disso, fez-se necessário conhecer e analisar metodologicamente o processo de construção desse saber científico na escola Estadual Ezeriel Mônico de Matos na cidade de Santarém nas turmas da EJA no dia 21 de setembro.

E para tornar possível e facilitar a ação da pesquisa foi elaborado o passo a passo de forma simples e como foi o encaminhamento das atividades, a serem desenvolvidas que estão abaixo relacionados.

a) Pesquisa bibliográfica

Com base nas leituras realizadas e com uma ampla visão dos seguintes autores: Pereira, Cerqueira e Ferreira, Kimura, Visentini, que fundamentou e embasou nesta pesquisa.

b) Pesquisa documental

Foi feita uma busca de informações na Escola Ezeriel Mônico de Matos, para entender sobre a relutância nas aulas de geografia.

c) Pesquisa de campo

Baseado na aplicação de um questionário aos discentes, onde se questionou o porquê da relutância nas aulas de geografia.

DESENVOLVIMENTO

I. INSERÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS

Vivemos, atualmente em uma era do sistema capitalista, um contexto que a sociedade denominou de sociedade da informação, e que com o advento das novas tecnologias que permite a rápida disseminação das notícias, mensagens, transmissões e informes em tudo o que está relacionado aos acontecimentos, descobertas científicas, fenômenos naturais entre outros. Nesse sentido, o professor de Geografia encontra novos e importantes desafios para relacionar com as suas aulas de forma eficaz, buscando e despertando a atrair a atenção dos seus alunos promovendo uma situação positiva no aprendizado.

E nesses novos tempos, o acesso à informação vem se tornando gradativamente mais simples, em uma dinâmica que faz cair por terra a figura do professor como detentor do saber e do aluno como o ser desprovido do saber e do conhecimento. No que depender do tema e da curiosidade dos alunos para deter respostas sobre as mais diversas dúvidas, ele pode ter tantas informações sobre um assunto qualquer quanto o professor.

Yves Lacoste, em seu livro escrito ainda na década de 1970, já alertava para essa questão. O geógrafo francês afirmava que:

Sem duvida, no caso da geografia, a relação pedagógica veio a ser transformada, pois mais, como outrora e como ainda acontece com as outras disciplinas, o monopólio da informação. (...) Hoje, mestre e alunos recebem ao mesmo tempo, simultaneamente com as atualidades, uma massa de informações geográficas, caóticas. Geografia em pedaços, o ocasional, o espetacular, sem dúvida, mas geografia de qualquer forma.

Nesse sentido, âmbito da sociedade da informação e na construção do meio técnico-científico-informacional conforme já apontava Milton Santos, o professor se vê inserido em um ambiente em que muitas informações e dados sobre os mais diversos processos e fenômenos são disseminados no espaço da sociedade. Por isso, mais do que oferecer conteúdos escolares para seus alunos, o professor de geografia tem a missão de auxiliá-los na absorção e na reflexão crítica de toda essa massa de informações que lhes chega todos os dias.

Ainda segundo as observações de Lacoste, a obtenção de conhecimentos geográficos ocorre de maneira caótica, havendo um volume muito grande de

informações não devidamente organizado. Isso, de certa forma, está no cerne da questão da diferença entre o conhecimento e a informação, pois o primeiro é a sistematização e ordenamento do segundo, de forma a ligar os diferentes aspectos da realidade crítica, equilibrada e contextualizadamente.

Neste sentido, qual é o papel do professor de Geografia na era tecnológica?

O papel do professor de geografia é de orientar esse acesso do conhecimento, organizando os conteúdos e atuando mais como um facilitador do aprendizado do que um fornecedor de conhecimento.

Para aplicar esse objetivo, o professor, além de ministrar as suas aulas, deve pedir para que os estudantes realizem frequentes pesquisas rápidas, guiando-os por meio de questionamentos que os levem à curiosidade e fornecendo palavras-chaves para serem utilizadas em sites de busca. Além disso, o uso da internet e de tecnologias da informação em sala de aula-desde que de forma racional e sem excessos-também pode ser um importante triunfo para demonstrar a inserção dos conhecimentos geográficos no mundo cotidiano do estudante.

Se a aprendizagem ocorre em todos os momentos da vida tal como assinalam Almeida (2003) e outros autores, o ensino da Geografia é um dos campos que mais se prestará a implantação de novos métodos (que no sentido grego de caminho) e, portanto, de novas tecnologias.

Os equipamentos tecnológicos de comunicação e informação já se constituem uma ferramenta imprescindível na aprendizagem, que sejam aplicadas no ensino presencial ou à distância. Autores como Romanó (2008) e Belloni (2001) reforçam este ponto e fornecem respaldo à posição de que o processo de ensino aprendizagem já não pode funcionar sem se articular dinâmicas mais amplas, que explorem a sala de aula.

As tecnologias de informação e comunicação (TIC), que segundo Moran (2005), chegam às salas de aulas para facilitar a prática de professores e alunos, unindo as atividades em grupos de aprendizagem sendo sem mais proveitoso. Para isso, faz-se necessário que as instituições estejam bem preparadas e equipadas, com profissionais para transformar um espaço escolar em inovador, principalmente para atender os cursos à distância onde os alunos possam estudar em grupo.

Professores têm desenvolvido projetos e atividades referentes às tecnologias ao ensino escolar como laboratório de informática, pelo avanço da integração das tecnologias. As escolas e universidades repensam nos seus projetos políticos

pedagógicos para integrar as mudanças das atividades à distância com as presenciais para inovar o processo ensino.

O professor reflexivo necessita, portanto, entender e incorporar novas habilidades cognitivas, descrever situações e efeitos analíticos; e compreender as características dos processos de ensino-aprendizagem reflexivo dos que participam do processo educativo.

O que se observa é que o emprego das TIC tem acarretado sensíveis mudanças no panorama da educação (Bertoncello, 2008). Segundo Bertoncello (2008, p.66), “as tendências na Educação superior apontam para mudanças substanciais e estruturais em seu contexto”, mudanças essas que deveriam resultar na melhoria de qualidade nos IES, principalmente em relação aos processos de inovação docente com base nos TIC. No entanto, nos cursos de formação docente, ainda faltam ações que, por exemplo, incluam uma disciplina específica em tecnologias para realmente capacitar os professores da educação básica para novos usos tecnológicos.

Para Fávero (1992, p.65) salienta que, para uma formação mais completa, o foco das universidades deveria estar na produção acadêmica a qual engloba além do ensino, a pesquisa e a extensão acadêmica. É, sobretudo comprometendo-se profundamente com a construção da teoria com a prática, que o professor contribui como participante decisivo da prática acelerada do processo ensino-aprendizagem, tornando a prática mais homogênea e coerente em todos os elementos.

Percebe-se que a dificuldade encontrada pelos professores de Geografia, para o desenvolvimento de sua prática com tecnologia oriunda de vários motivos vistos no senso-comum: há pouca hora-atividade disponível nas escolas, falta de qualificação e disponibilidade de um técnico em informática no laboratório das escolas.

Todavia, essa situação é também identificada por falta de motivação própria, no que para Castro (2005, p.472), o modelo de formação do professor deveria se pautar pelo seguinte:

Um professor cujas habilidades em eloquência se sobrepunham à rigorosa formação científica, pois era suficiente compreender e transmitir bem o conteúdo escolar que compunha o currículo, manter o respeito e a boa disciplina, requisitas básicos para atenção e que garantiam a eficácia da transmissão.

Segundo Pereira (2008, p.1), não é suficiente uma formação que se esgota ao término do curso. É preciso ter uma formação técnica-profissional de qualidade, mas também que posicione o professor como um cidadão do mundo.

II. MODO DE PENSAR CLÁSSICO DA GEOGRAFIA QUE ATINGE A VISÃO DO ALUNO.

O objetivo de buscar uma análise que possa empreender a importância em aprender geografia na formação da cidadania, e para isso, não bastava apenas só ouvir os professores, era preciso também ouvir principalmente o que pensavam os alunos, que afinal de contas, é o foco em todo esse processo. Ouvi-los até então foi possível refletir e repensar sobre nossas verdades e reavaliar nossas práticas. E também porque se tratou de um elemento de contraponto ou de afirmação do processo. Buscamos selecionar perguntas e organizar um questionário dirigido aos alunos, de maneira que o mesmo fosse bastante objetivo, sucinto e prático. Partimos inicialmente de um questionário aplicado na escola, no qual se procurou adaptá-lo ao nível do 1º e 3º ano do ensino médio.

O questionário teve como base uma breve apresentação, no qual se buscou expor a razão do questionário, como também deixar o aluno à vontade para respondê-lo. E, por conseguinte, após a identificação da escola elaborou-se 12 questões, algumas fechadas direcionando as respostas e buscando evitar que o mesmo viesse a se tornar chato e tomasse muito tempo do aluno até porque se tratavam de questões mais objetivas e outras abertas totalmente e possibilitar ao aluno a se posicionar, como também para conhecê-lo melhor sobre os aspectos polêmicos acerca da disciplina de geografia.

Na primeira questão, buscou-se abordar informações que possibilitassem identificar se os professores que ministram aulas de geografia possuem formação na área, se estão preocupados em se manter capacitados e atualizados, e que tempo de experiência possuem, se tem disponibilidade de tempo para organizar suas aulas e se tem condições de fazer as articulações com os conteúdos com as demais séries do ensino médio.

Na segunda e terceira questão, foram deixadas abertas para conceder ao professor a se posicionar diante daquilo que o mesmo acredita ser a geografia e sua importância que esta disciplina terá na formação do aluno.

A quinta e a sexta questão, formulou-se buscando identificar os recursos e, por conseguinte a forma de como o professor utiliza, o nível de criatividade e o dinamismo do professor, como também as situações de motivação para com seus alunos.

Na sétima, oitava e nona questões foram desenvolvidas focando principalmente sobre a visão que o professor tem em relação aos seus alunos, primeiramente acerca das disciplinas que ministram e segundo a construção do conhecimento.

As questões décima e décima primeira buscou-se em momento agregar a autonomia do professor em relação aos livros didáticos, ou apostila, segundo a adequação dos Parâmetros Curriculares nacionais ou a proposta curricular estabelecida pelo Estado.

E a décima segunda questão teve como objetivo detectar o grau de conhecimento do professor em relação a Milton Santos, que foi o geógrafo que mais tornou visível a geografia brasileira. Sua atuação foi permanente em defesa da cidadania e da ética, no qual extrapolou as paredes acadêmicas. Milton Santos produziu obra numerosa e complexa, uma verdadeira teoria sobre o espaço geográfico, apresentando diferentes aspectos e que, ainda merece muita análise e reflexão.

Imaginar o espaço sem conhecer Milton Santos, ignorar e deixar alheio os ensinamentos que ele nos deixou, o seu exemplo de ações e ativista no campo das ideias, de liberdade de pensamento, e em especial de otimismo e esperança quanto ao futuro da Geografia, da sociedade e do homem.

É uma perda irreparável tanto para a Geografia como disciplina escolar e como ciência. E talvez abandonar o fator principal de se estudar o espaço, o de se buscar um mundo no qual se fortaleçam os ideais de solidariedade e cidadania, uma vez que este é o foco deste artigo.

III. PENSAR A GEOGRAFIA DO LUGAR E SUAS ESPECIFICIDADES

A sociedade vem se transformando em uma velocidade desde a Primeira Revolução Industrial, no século XVIII, e mais precisamente nas últimas décadas. A geografia pode fornecer os instrumentos para compreender essa transformação assim como contribuir para que esse processo ocorra de forma mais racional,

levando em consideração o respeito a todos as necessidades humanas e principalmente da natureza.

Atualmente pensar o Espaço Geográfico, remete a refletir nos enfoques analíticos da Geografia, entre outros a especificidade do lugar, que cada lugar é, a sua maneira, o mundo, no que para ele o período técnico-científica e informacional a Geografia se dedica ao meio geográfico, focalizando uma mistura de ações, intencionalidades, a essência modificada e o meio construído. Santos (1996) faz uma referência renovada sobre a concepção do método da Geografia, o meio geográfico, ou melhor, o Espaço Geográfico podendo ser hoje concebido como uma totalidade, no que inclui a forma-conteúdo, hibridez entre a tecnosfera e psicosfera. A ideia de forma-conteúdo junta o processo e o resultado, a função e forma, o passado e o futuro o objeto e o sujeito, o natural e o social. Essa ideia também supõe o lugar e o mundo no lugar, ou seja, a Geografia da sociedade globalizada em um tratamento analítico do espaço como um conjunto do espaço como um conjunto inseparável de sistema de objetos e sistemas de ações (Santos, 1996, p.63).

Atualmente o entendimento desta totalidade, em uma eterna totalização, nos faz aprender de que o Espaço Geográfico como uma abstração, que se concretiza nos recortes analíticos da Geografia (Sartre, 1978). O Geógrafo articula categorias analíticas como: o território, lugar, paisagem e a região, para dar uma hierarquia em sua análise e então assim compreender o mundo, é o Santos (1996) que dizia sobre o processo da fragmentação e totalização da análise para permitir a relação contraditória entre o total e o particular, dando uma teoria sobre o mundo. Pretende-se verificar melhor a relação entre o específico e o geral, e por assim entender onde os eventos acontecem e se concretizam.

Pensar globalmente significa entender como é o mundo, como se organiza, como vem se transformando, como age o capital, como se estruturam as grandes firmas, como acontece a produção, o destino do produto, a circulação, a informação e o papel que o Estado assume numa economia e sociedade cada vez mais globalizada. Os lugares particulares se interligam entre si de forma seletiva e de acordo com os interesses locais, nacionais e/ou para não dizer mundial. O espaço concretiza todas estas relações, por isso então surge a compreensão do lugar, um conceito importante por ser a manifestação do global e por desenvolver ao mundo tais manifestações. Cada lugar é á sua maneira, o mundo.

Com a nova ordenação do espaço que se expressa a partir da globalização no que gera uma concentração de riqueza e acentua o caráter desigual do desenvolvimento. Cada lugar “responde” de acordo com suas condições e capacidades, por isso é importante pensar no particular o local-não como “destinado” a ser de outro modo, mas conhecendo e reconhecendo neles as potencialidades e que cada lugar, irrecusavelmente mergulhado numa comunhão com o mundo, o que torna quantitativamente diferente dos demais. Quanto maior a globalidade, maior é a individualidade. Assim vivemos em que a técnica, ciência e a informação são dadas constitutivas da realidade, passando de um mundo da probabilidade para o mundo das possibilidades. Por essa razão se atribui tanta importância ao fenômeno da técnica na interpretação dos lugares. Neste sentido, o lugar é o lugar de uma escolha. O mundo está aí e o lugar colhe no mundo atributos que o realizam historicamente e geograficamente. É o mundo que se dá seletivamente no lugar (Santos, 1999). Em nenhuma outra época da história a relação do mundo e do lugar esteve tão profunda, e nesse sentido a globalização torna-se real, seletiva, perversa e contendo um novo caminho, a possibilidade de repensar o mundo.

IV. DOMÍNIO E COMPROMETIMENTO DAS RELAÇÕES SOCIAL LOCAL E GLOBAL

A construção acadêmica gira em torno da concepção de Geografia pelo qual passou por grandiosos momentos e gerando reflexões distintas acerca dos objetos e métodos do fazer geográfico. De certa maneira, essas reflexões influenciaram e ainda continuam a influenciar muitas das práticas de ensino. Em linhas gerais, suas principais tendências podem assim ser representadas.

As primeiras tendências da Geografia no Brasil se originaram com a fundação da faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e do Departamento de Geografia, quando a partir da década de 40, a disciplina Geografia passou a ser ensinada por professores licenciados, com forte influência da escola francesa de Vidal de La Blanchet.

Geografia esta, que foi marcada pela explicação objetiva e quantitativa da realidade que fundamentava a escola francesa do momento. Foi a escola francesa que imprimiu e difundiu ao pensamento geográfico o mito da ciência asséptica, ou seja, não politizada, com o argumento da neutralidade do discurso científico. Tinha

como meta abordar as relações do homem com a natureza de maneira objetiva, buscando a formulação de leis gerais de interpretação.

Essa Geografia e as correntes que dela se desdobraram foram chamadas de Geografia Tradicional. Apesar de valorizar o papel do homem como sujeito histórico propunha-se, na análise da produção do espaço geográfico, estudar a relação homem-natureza sem priorizar as relações sociais. Por exemplo, estudava-se a população, mas não a sociedade; os estabelecimentos humanos, mas não as relações sociais, as técnicas e os instrumentos de trabalho, mas não o processo de produção. Ou seja, não se discutiam as relações intrínsecas à sociedade abstraindo-se assim o homem de seu caráter social. Era baseada, de forma significativa, em estudos empíricos, articulada de forma fragmentada e com forte viés naturalizante.

No ensino, essa Geografia se traduziu, e muitas vezes ainda se traduz, pelo estudo descritivo das paisagens naturais e humanizadas, de forma dissociada do espaço vivido pela sociedade e das relações contraditórias de produção e organização do espaço. Os procedimentos didáticos adotados principalmente a descrição e a memorização dos elementos que compõem as paisagens sem, que os alunos estabelecessem relações analogias ou generalizações. Pretendia-se ensinar uma geografia neutra. Essa perspectiva marcou também a produção dos livros didáticos até meados da década de 70 e, mesmo hoje em dia, muitos ainda apresentam em seu corpo ideias, interpretações ou até mesmo expectativas de aprendizagens defendidas pela Geografia Tradicional.

No pós-guerra a realidade tornou-se mais complexa: o desenvolvimento do capitalismo afastou-se cada vez mais da fase concorrencial e penetrou na fase monopolista do grande capital; a urbanização acentuou-se e megalópoles começaram a se construir; o espaço agrário sofreu as alterações estruturais comandados pela Revolução Verde, em função das atividades agrícolas em várias partes do mundo; as realidades locais passaram a estar articuladas em uma rede de escala mundial. Cada lugar deixou de explicar-se por si mesmo.

Os métodos e as teorias da Geografia tradicional tornaram-se insuficientes para aprender essa complexidade e, principalmente para explicá-la. O levantamento feito por meio de estudos apenas empíricos tornou-se insuficiente. Era preciso realizar estudos voltados para a análise das relações mundiais, análises essas também de ordem econômica, social, política e ideológica. Por outro lado, o meio técnico e científico passou a exercer forte influência nas pesquisas realizadas no

campo da geografia. Para estudar o espaço geográfico globalizado, começou-se a recorrer às tecnologias aeroespaciais, tais como sensoriamento remoto, as fotos de satélite e o computador como articulador de massa de dado: surgem os SIG (Sistema Geográficos de Informações).

A partir dos anos 60, sob influências das teorias marxistas, surge uma nova tendência crítica à Geografia Tradicional, cujo centro de preocupações passa a serem as relações entre a sociedade o trabalho e a natureza na produção do espaço geográfico. Ou seja, os geógrafos procuraram estudar a sociedade por meio das relações de trabalho e da apropriação humana da natureza para produzir e distribuir os bens necessários às condições materiais que a garantem. Critica-se a Geografia Tradicional, do estado e das classes sociais dominantes, propondo-se uma geografia das lutas sociais. Num processo quase militante de importantes geógrafos brasileiros, difundir-se a Geografia marxista.

Essa nova perspectiva considera que não basta explicar o mundo, é preciso transformá-lo. Assim a Geografia ganha conteúdos políticos que são significativos na formação do cidadão. As transformações teóricas e metodológicas dessa Geografia tiveram grande influência na produção científica nas últimas décadas. Para o ensino, essa perspectiva trouxe uma nova forma de se interpretar as categorias de espaço geográfico, território e paisagem, e influenciou, a partir dos anos 80, uma série de propostas curriculares voltadas para o segmento de quinta a oitava séries. Essas propostas, no entanto, foram centradas em questões referentes a explicações econômicas e relações de trabalho que se mostraram, no geral, inadequadas para os alunos dessa etapa da escolaridade, devido a sua complexidade. Além disso, as práticas da maioria dos professores e de muitos livros didáticos conservaram a linha tradicional, descritiva e descontextualizada herdada da Geografia marxista.

Tanto a Geografia tradicional quanto a Geografia marxista ortodoxa negligenciaram a relação do homem e da sociedade com a natureza em dimensão subjetiva e, portanto, singulares que os homens em sociedade estabelecem com a natureza. Essas dimensões são socialmente elaboradas – fruto da experiência individual marcadas pela cultura na qual se encontram inserida – e resultam em diferentes percepções do espaço geográfico e sua construção. E essencialmente, a busca de explicações mais plurais, que promovam a interseção da Geografia com os outros campos do saber, como a Antropologia, a Sociologia, a Biologia, as Ciências políticas, por exemplo. Uma Geografia que não seja apenas centrada na descrição

empírica das paisagens, tampouco pautada exclusivamente na interpretação política e econômica do mundo; que trabalhe tanto as relações socioculturais da paisagem como elementos físicos e biológicos que dela fazem parte, investigando as múltiplas interações entre elas estabelecidas na construção de um espaço: o espaço geográfico.

As sucessivas mudanças e debates em torno do objeto e método da geografia como ciência, presentes no meio acadêmico, tiveram repercussões diversas no ensino fundamental e médio. Positiva de certa forma, já que foram um estímulo para a inovação e a produção de novos modelos didáticos. Mas também negativas, pois a rápida incorporação das mudanças produzidas pelo meio acadêmico provocou a produção de inúmeras propostas didáticas, descartadas a cada inovação conceitual e, principalmente, sem que realmente atingissem o professor em sala de aula, sobretudo o professor das séries iniciais que, sem apoio técnico e teórico continuou e continua, de modo geral, a ensinar Geografia apoiando-se apenas na descrição dos fatos e ancorando-se quase que exclusivamente no livro didático.

Mas não apenas a prática do professor se encontra permeada por essa indefinição e confusa, muitas propostas de ensino estão. Segundo a análise feita pela Fundação Carlos Chagas, observa-se, sobretudo nas propostas curriculares produzidas nas últimas décadas, que o ensino de Geografia apresenta problemas tanto de ordem epistemológica e de pressupostos teóricos como outros referentes à escolha dos conteúdos. No geral são:

- Abandono de conteúdos fundamentais da Geografia, tais como as categorias de nação, território, lugar, paisagem até mesmo de espaço geográfico, bem como do estudo dos elementos físicos e biológicos que se encontram aí presentes.
- São comuns modismos que buscam sensibilizar os alunos para temáticas mais atuais, sem uma preocupação real de promover uma compreensão dos múltiplos fatores que delas são causas ou decorrências, o que provoca um “envelhecimento” rápido dos conteúdos. Um exemplo é a adaptação forçada das questões ambientais em currículos e livros didáticos, que ainda preservam um discurso da Geografia Tradicional e não têm como objetivo uma compreensão processual e crítica dessas questões, vindo a se transformar na aprendizagem de slogans;
- Há uma preocupação maior com conteúdos procedimentais. O objetivo do ensino fica restrito, assim, a aprendizagem de fenômenos e conceitos,

desconsiderando a aprendizagem de procedimentos fundamentais a compreensão dos métodos e explicações com os quais a própria geografia trabalha;

- As propostas pedagógicas separam a Geografia humana da Geografia física em relação aquilo que deve ser aprendido como conteúdo específica ou a abordagem é essencialmente social e a natureza é um apêndice, um recurso natural, ou então se trabalha a gênese dos fenômenos naturais de forma pura, analisando suas leis, em detrimento da possibilidade exclusiva da Geografia de interpretar os fenômenos numa abordagem socioambiental;

- A memorização tem sido o exercício fundamental praticado no ensino da Geografia, mesmo nas abordagens mais avançadas. Apesar da proposta de problematização, de estudo do meio e da forte ênfase que se dá ao papel dos sujeitos sociais na construção do território e do espaço, o que se avalia ao final de cada estudo é se o aluno memorizou ou não os fenômenos e conceitos trabalhados e não aquilo que pôde identificar e compreender das múltiplas relações aí existentes;

- A noção de escola espaço-temporal muitas vezes não é clara, ou seja, não se explica como os temas de âmbito local estão presentes naqueles de âmbito universal e vice-versa, e como o espaço geográfico materializa diferentes tempos (da sociedade e da natureza).

O ensino de Geografia pode levar os alunos ou compreenderem de forma mais ampla a realidade, e possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico.

Educação de Jovens e Adultos (EJA)

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) destina-se aos que não tiveram acesso ao ensino fundamental e médio ou continuidade de estudo nesses níveis de ensino na idade própria. Está contemplada na Constituição Federal (1988), na Lei de Diretrizes e bases da Educação (9394/96) e no Plano Nacional de educação, com o objetivo de erradicação do analfabetismo, que tem como fundamento um conjunto de elementos no qual o conhecimento é praticamente obrigatório. No município de Santarém, as turmas de Educação de Jovens e Adultos-EJA constituem um grande

desafio para as secretárias municipal e estadual de educação. O índice de evasão tem sido uma preocupação para os próprios docentes e o percentual de aprovação é baixo. Mediante tal situação, a partir de 2001, a rede municipal iniciou um monitoramento perante as classes da EJA, o que resultou num crescimento do índice de aprovação e uma queda da evasão, mesmo assim, o percentual está longe do desejado pelo sistema. Mesmo quando se pensa em Educação de Jovens e Adultos nos dias de hoje, deve-se priorizar políticas e propostas educacionais que vão além do processo de alfabetização, especialmente pelo público inserido nesse contexto, reconhecendo que os indivíduos atendidos nesse processo apresentem conhecimentos adquiridos ao longo de suas experiências diárias e que jamais podem ser desprezados.

Todavia com a disciplina de Geografia que entra como um importante componente curricular da educação básica, sobretudo por possibilitar aos alunos, através dos estudos e das discussões dos conteúdos e temas propostos, uma visão crítica e mais próxima da realidade que o cerca, levando os mesmos a exercerem de fato o seu papel enquanto cidadão.

A Escola Ezeriel Mônico de Matos foco da pesquisa foi fundada em 31 de março de 1954, hoje Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Ezeriel Mônico de Matos”, é mantida pelo Governo Federal e Estadual, por meio de repasse do PDDE e Fundo Rotativo. Encontra-se situada na Avenida São Sebastião nº 810, bairro da Aldeia, CEP: 68005-090, entre as Travessas Moraes Sarmento e Sete de setembro, na cidade de Santarém, Estado do Pará.

O referido educandário encontra-se edificado dentro de uma área de 1.953 m² (área do terreno), sendo 1.827 m² de área construída dentro de um espaço urbano. Apresenta estrutura física de alvenaria, instalações elétrica e hidráulica assim distribuída: 09 Salas de aula, 01 Sala das Gestoras, 01 Sala da Coordenação Pedagógica, 01 Sala dos professores, 01 Secretaria onde também funciona a fotocópia, 01 Sala de Leitura, 01 Sala de Vídeo, 01 Sala Multifuncional (AEE), 01 banheiro masculino e 01 feminino para os alunos, 01 banheiro para funcionários, 01 copa/cozinha, 01 lanchonete, 01 depósito e 01 dispensa.

A escola atende aproximadamente 344 alunos com faixa etária de 15 a 55 anos de idade, jovens e adultos, incluindo pessoas com necessidades educacionais especiais, na modalidade EJA compreendendo os níveis de ensino fundamental (Resolução nº 360 de 09/11/1995, CEE) e médio (Resolução nº 222 de 10/08/2012).

A clientela pertencente a esse educandário é composta por alunos oriundos de um nível econômico baixo, os quais apresentam as seguintes características: alunos com fraca leitura, defasagem idade e série, alunos que atuam no mercado de trabalho e demonstram pouco rendimento na aprendizagem, alunos marginalizados socialmente vindos do regime de semiliberdade da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará (FASEPA), porém, o trabalho da escola é intenso na tentativa de contribuir para a superação dessas dificuldades e na missão de oferecer um ensino de qualidade aos seus alunos.

As salas de aula são ocupadas por turno e série, abaixo descritos:

No turno matutino, funcionam 03 salas de aula – 1ª 2ª e 3ª Etapa Fundamental E. J. A. – e 01 sala multifuncional.

No turno vespertino, funcionam 05 salas de aula sendo: 3ª etapa – 1 sala; 4ª etapa – 2 salas; 1ª etapa médio de E. J. A. – 01 sala 2ª etapa médio de E. J. A. – 01 sala; 01 sala multifuncional.

No turno noturno: funcionam 03 salas – 3ª e 4ª etapa do fundamental E. J. A. e 1ª etapa médio de E. J. A.

A escola passou por quatro reformas nos anos de 1994, 1997, 2002 e 2013, mas em 2012, recebeu alguns serviços de adequação para permitir a acessibilidade, como: piso com texturas diferenciadas, linhas guias na parede em três alturas diferentes, rampas de acesso, corrimão adequado e banheiro com barra de apoio. Essas mudanças favoreceram a orientação e locomoção no espaço, proporcionando aos alunos autonomia ao caminhar, como as cores fortes e contrastes usado no ambiente escolar que estimulam e ajudam os alunos com baixa visão, além de tornar o ambiente alegre e bonito.

Há ainda na instituição o Conselho Escolar, que contribui nas questões burocráticas, pedagógicas e administrativas. Auxilia no desenvolvimento de um trabalho integrado, voltado à melhoria da qualidade do ensino aprendizagem e para a efetivação de uma Gestão Democrática.

A escola Ezeriel Mônico de Matos conta com um número significativo de professores para todas as disciplinas, todos com curso superior completo, sendo um total de 32 professores, assim distribuídos 29 concursados, e três temporários, totalizando um quadro de 43 funcionários.

A clientela da instituição é composta por alunos de classe social baixa, que residem nos bairros adjacentes à escola, que está localizada praticamente no centro

da cidade. Muitos alunos utilizam o transporte coletivo para chegar à escola. Porém no turno noturno, a clientela é de filhos de pais assalariados, que depois de um dia exaustivo de trabalho, deixam o aconchego de casa para irem à escola.

O principal problema do ensino médio como também da modalidade EJA, é que o jovem que frequenta o ensino médio é visto e compreendido somente na condição de aluno, de maneira que esse aluno aparece apenas como uma referência natural e não como uma ação de construção social e histórica. Independente de sexo, idade, origem social ou de experiências vividas, é a condição de aluno que quase sempre irá dimensionar o seu estado cognitivo que irá fornecer dados à compreensão que o professor irá construir desses alunos. E sobre esse aspecto procurou-se averiguar quais os motivos relevantes de abandono escolar dos alunos da EJA, uma vez que esses fatores variam desde a gravidez na adolescência, compromisso familiar, vínculo empregatício, além de problemas relacionados à idade, relação entre aluno e professor ou com a grade curricular, sem contar que as maiores dessas alunos trabalham durante o dia todo e quando saem dos seus trabalhos vai direto para a escola, muitas das vezes com apenas uma refeição feita, pois não são todos que tem a possibilidade de ir a casa e voltar novamente à escola, e com isso havendo em um índice de faltas consideráveis.

A Geografia na Educação de Jovens e Adultos

No ensino de Geografia para EJA, é importante que o aluno observe, interprete e compreenda as transformações socioespaciais ocorridas em diferentes lugares e épocas e estabeleça comparações entre semelhanças e diferenças relativas às transformações socioespaciais do município, do estado e do país onde mora.

Ele deve participar ativamente do procedimento metodológico da construção de conhecimentos geográficos, valendo-se da cartografia como forma de representação e expressão dos fenômenos socioespaciais; da construção, leitura e interpretação de gráficos e tabelas; da produção de textos e da utilização de outros recursos que possibilitem registrar seu pensamento e seus conhecimentos geográficos. Não significa que, ao finalizar o Ensino Fundamental, ele terá se tornado um geógrafo, mas, de acordo como os PCNs, deve ser conduzido a examinar um tema, a analisar e a refletir sobre a realidade, utilizando diferentes recursos e métodos da Geografia e valendo-se do modo de pensar próprio dessa disciplina.

Para concretizar esse processo de trabalho com o aluno, é fundamental que seja elaborado um projeto para estabelecer os objetivos e conteúdos a serem tratadas, as diferentes discussões sobre os temas escolhidos, as formas, as possibilidades e os meios de trabalhá-los. É necessário que o professor estude e reflita coletivamente, com áreas afins ou mesmo individualmente, para escolher o objeto de estudo que deve interessar os alunos da EJA e ampliar o conhecimento deles sobre a realidade.

É fundamental que, no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos de EJA, sejam valorizados os conceitos e categorias da Geografia já apropriada por eles, estabelecendo um elo com as noções dos diferentes espaços conhecidos em seu cotidiano. A partir de sua realidade, gradativamente e dialogando sobre os conhecimentos que obtiveram de modo informal com os saberes geográficos já adquiridos na escola, que esses alunos possam estabelecer ligações entre esse cotidiano e os diferentes espaços geográficos – local, regional, nacional e internacional.

Esses conhecimentos geográficos que os alunos da EJA já detêm irão contribuir para a sistematização e ampliação dos conceitos e noções necessários para ajudá-los a fazer a leitura e a análise do lugar em que vivem, a relacionar e a comparar o espaço local, o espaço brasileiro e o espaço mundial, ajustando a escola às demandas sociais atuais.

Segundo os PCN, a Geografia estuda as relações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem. As percepções, as vivências e a memória dos indivíduos e dos grupos sociais são, portanto, elementos importantes na leitura da espacialidade da sociedade, tendo em vista a construção de projetos individuais e coletivos que transformam os diferentes espaços em diferentes épocas, incorporando o movimento e a velocidade, os ritmos e a simultaneidade, o objetivo e o subjetivo, o econômico e o social, o cultural e o individual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa me levou a conhecer um pouco sobre as metodologias do ensino de geografia aplicada nas escolas da rede pública, principalmente nas escolas Estaduais da cidade Santarém. A referida pesquisa também trouxe uma breve reflexão sobre as metodologias nas aulas de geografia, como também foi possível discutir as formas de ensinar, as dificuldades enfrentadas, as transformações, as melhorias, as condições de trabalho que as escolas dispõem o uso das técnicas e da tecnologia informacional.

Embora que atualmente haja tantas modificações ocorridas no ensino, ainda atravessa na maioria dos casos um ensino com métodos tradicionais. Todavia em algumas situações, o que não acontece em todas as escolas que se encontram com uma sucessão de produtos tecnológicos e avançados, no que contribui para que o professor somente fique condicionado aos livros didáticos em sua maioria ultrapassados. Mas essa não pode ser apenas um motivo para o professor continuar e manter um ensino tradicional. É necessário que o professor faça uso de novas metodologias de ensino, que promova a motivação do aluno, que descreva em suas aulas assuntos direcionados a vida cotidiana do aluno, despertando o estímulo e o interesse pela disciplina.

A pesquisa permitiu refletir sobre o ensino da geografia nos dias de hoje, no qual se encontra dilacerado, pois, apresenta certa desmotivação por parte da maioria dos alunos quando se trata de geografia, e isso pode ocorrer em razão das aulas estarem limitadas a conteúdos relacionados aos temas dos livros didáticos e que não contextualizam a realidade dos alunos, sem contar com a falta de interesse do próprio em si, e a relação ao estudo e muito menos com a própria disciplina.

Com a pesquisa averigui que é de suma importância aplicar e agregar conteúdos que estejam ligados à realidade do aluno, pois somente diante dessa prática é possível estabelecer uma troca de conhecimentos e aprendizagem no que resultará uma posição crítica facilitando o ensino e ao mesmo tempo no aprendizado.

É possível também compreender que seja necessário deixar o aluno fazer suas colocações e sugestões em sala de aula, pois é em decorrência a esse ato que o aluno irá cada vez mais enriquecer a aula e por assim deixando de lado a ideia de uma aula chata e enfadonha.

REFERÊNCIAS

- Andrade, M.C. Trajetória e compromisso da geografia brasileira. In: Carlos, A.F.A (org.) A Geografia na sala de aula 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. P. 9 – 13
- Almeida, M.E.B. Formando professores para atuar em ambientes de aprendizagem interativos e colaborativos. [S.1]: PUC-SP, jul. 2003. Disponível em: <http://www.nove.pucsp.br/doc/formando.doc>. Acesso em: mar. 2009.
- Bertoncello, L, A inclusão digital na educação superior: uma pesquisa exploratória com professores do Curso de Letras no interior do Paraná. 2008.176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2008.
- Brasil. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei Federal nº 9.394, 20 de dezembro de 1996.
- ___ Lei que dispõe sobre o Fundo de manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério. Lei nº 9. 424/96, de 24 de dezembro de 1996.
- ___ Plano Nacional de Educação. Lei nº 10. 172/01 de 09 de Janeiro de 2001.
- Cavalcanti, Lana de Souza. Geografia, escola e construção do conhecimento. Campinas: Papirus, 1998.
- Callai, H.C. Aprendendo ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. In: Cad. Cedes, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227 – 247, mai/agos. 2005. Disponível em <http://www.Cedes.unicamp.br>. Acesso em 15 de Abril de 2012.
- Castro, A.M.D.A. mudanças tecnológicas e suas implicações na política de formação do professor. Ensaio: Aval. pol. públ. Educ., v. 13, n. 49, p. 469 – 486, 2005.
- Cerqueira, J.B; Ferreira, E.M.B. Recursos Didáticos na Educação Especial. Instituto Benjamin Constant, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.ibr.gov.br/?itemid=102>. Acesso em: 05/07/2008, às F21 h 30 min.
- Fávero, M.L.A. Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. In: Alves, N. (org.). Formação de professores: pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 1992. -
- Freire, Paulo. Política. 5ª ed – São Paulo, Cortez, 2001, p. 22 – 56.
- Freire, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23ª ed. São Paulo, Editora autores anunciados, 1989, p. 19 – 49.
- Freire, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 33 – disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundoseguimentos/vol.2_geografia.pdf - acessado em 26/10/2014.
- Freire, Paulo. Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho & Água, 1998.
- HOFLING, Heloisa de Matos.

Estados e políticas (públicas) sociais. Cadernos Cedes, nº 55, nov./2001, p. 30 – 41.

Kimura, Shoko. Escola e o ensino da geografia. In: Geografia do ensino Básico. 2ª ed. São Paulo:

Contexto, 2011, p. 14 – 43.

Lacoste, Y, A Geografia. Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 18ª ed. Campinas, Papirus, 2010. p. 91.

Moreira, R. Pensar e Ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e Ontologia do espaço geográfico. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

Moran, 2005.

Pereira, P. Formandos para o mercado. Revista do Ensino Superior. Disponível em: <http://www.revistaensinosuperior.com.br/textos.asp?codigo=12246>. Acesso em: 12 nov. 2008.

PCN. 1998, p. 34

Santos, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

Sartre, Jean Paul. O Existencialismo é um Humanismo. In: Os Pensadores: São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Saviani; Demerval. A nova lei da educação: Trajetória, limites e perspectivas. 2. ed. Campinas, SP: Autores associados, 1997. (Coleção Educação Contemporânea).

Shiroma, Eneida Otto; et al (orgs.). Política Educacional. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

Visentini, I.W. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: Carlos, A.F.A. (org). A Geografia na sala de aula 8ª Ed. São Paulo:

LISTA DE ABREVIATURAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IES – Instituto de Ensino Superior

SIG – Sistema Geográfico de Informações

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação